

Lily, a filha da porteira, não tinha literalmente mãos a medir. Mal acabava de acompanhar um cavalheiro até à pequena despensa atrás do escritório do rés-do-chão e de o ajudar a despir o casaco, já a roufenha campainha da porta de entrada estava outra vez a tocar, obrigando-a a galopar pelo corredor despido para mandar entrar outra visita. Ainda bem que não tinha de se ocupar também das senhoras. Miss Kate e Miss Julia tinham-se encarregado disso, transformando a casa de banho do primeiro andar num vestiário para senhoras. Encontravam-se lá as duas, a tagarelar, a rir e a fazer espalhafato, e a virem de vez em quando uma atrás da outra até ao cimo das escadas, espreitar por cima dos balaústres e chamar por Lily para lhe perguntarem quem tinha chegado.

Era sempre um grande acontecimento, o baile anual das Misses Morkan. Todas as pessoas que as conheciam compareciam, parentes, velhos amigos da família, os elementos do grupo coral de Julia, as alunas de Kate que já tivessem idade suficiente, e até algumas alunas de Mary Jane. Nunca perdera interesse. Havia anos e anos que se realizava com um estilo magnífico, pelo menos desde que alguém se lembrava; mais precisamente desde que Kate e Julia, após o falecimento do irmão Pat, tinham abandonado a casa de Stoney Batter levando Mary Jane, a sua única sobrinha, para ir viver com elas na casa escura e lúgubre de Usher's Island, cujo piso superior lhes fora alugado por Mr Fulham, o grossista de cereais do rés-do-chão. Já lá iam uns bons trinta anos bem contados. Mary Jane, que nesse tempo era uma menina de vestidinhos curtos, hoje era o principal esteio da casa, pois era ela que dava aulas de órgão em Haddington Road. Frequentara o Conservatório e todos os anos apresentava um concerto das suas alunas na sala do primeiro andar do Antient Concert Rooms. Muitas das suas alunas pertenciam a famílias da alta sociedade dos lados de Kingstown e Dalkey. Embora já entradas em anos, as tias ainda contribuíam com a sua parte. Julia, apesar de totalmente encanecida, ainda era primeiro soprano

na igreja de Adão e Eva¹, e Kate, que era demasiado débil para sair muito, dava aulas de música a principiantes no velho piano quadrado da sala das traseiras. Lily, a filha da porteira, fazia-lhes as tarefas domésticas. Embora tivessem uma vida modesta, faziam questão de comer bem, escolhendo o que havia de melhor: lombo de vaca de primeira, chá de três xelins e a melhor cerveja engarrafada. Mas Lily raramente se enganava nas encomendas, de modo que se entendia bem com as três patroas. Eram picuinhas, mais nada. Mas a única coisa que não toleravam era respostas impertinentes.

É claro que tinham boas razões para ser picuinhas numa noite como aquela. E depois, já passava bastante das dez horas e ainda não havia sinal de Gabriel e da esposa. Além disso, tinham um verdadeiro pavor de que Freddy Malins aparecesse bêbedo. Por nada deste mundo queriam que alguma das alunas de Mary Jane o visse sob os efeitos do álcool; quando se encontrava nesse estado, era muito difícil chamá-lo à razão. Freddy Malins chegava sempre tarde, mas estavam intrigadas com o que poderia ter atrasado Gabriel. Era isso que as fazia vir até à balastrada de dois em dois minutos, perguntar a Lily se Gabriel ou Freddy já tinham chegado.

«Oh, Mr Conroy», disse Lily a Gabriel quando lhe abriu a porta, «Miss Kate e Miss Julia pensavam que o senhor nunca mais vinha. Boa noite, Mrs Conroy.»

«Aposto que sim», disse Gabriel, «mas elas esqueceram-se de que aqui a minha mulher leva três horas enfadonhas a vestir-se.»

Ficou no tapete a raspar a neve das galochas, enquanto Lily acompanhou a esposa até ao fundo das escadas e gritou:

«Miss Kate, está aqui Mrs Conroy.»

Kate e Julia desceram imediatamente as escadas escuras em passo hesitante. Beijaram ambas a mulher de Gabriel, disseram-lhe que devia estar mais morta do que viva e perguntaram se Gabriel a acompanhara.

«Aqui estou eu, fiel como o carteiro, tia Kate! Vão subindo que eu já vou», gritou Gabriel do escuro.

Continuou a esfregar os pés vigorosamente enquanto as três mulheres foram para cima, rindo, até ao vestiário das senhoras. Tinha uma ligeira orla de neve depositada como uma capa nos ombros do sobretudo e como biqueiras nas pontas das galochas; e, à medida que os botões do sobretudo deslizavam com um ruído estridente pelas casas de lã endurecidas pelo gelo, um ar frio e odoroso trazido do exterior escapava-se das aberturas e das pregas.

«Está outra vez a nevar, Mr Conroy?», perguntou Lily.

Precedera-o até à despensa para o ajudar a despir o sobretudo. Gabriel sorriu ao ouvir as três sílabas com que ela pronunciara o seu sobrenome e olhou para ela. Era uma rapariguinha esguia, ainda a crescer, de tez pálida e cabelo cor de palha. O candeeiro a gás da despensa fazia-a parecer ainda mais pálida. Gabriel conhecera-a quando era criança, sempre sentada no degrau de baixo a embalar uma boneca de trapos.

«Sim, Lily», respondeu, «e quer-me parecer que temos para toda a noite.»

Olhou para o tecto da despensa, que estremecia com o bater e arrastar de pés no piso de cima, escutou uns instantes o piano e voltou a olhar para a rapariga, que dobrava o sobretudo cuidadosamente na extremidade de uma prateleira.

«Diz-me, Lily», perguntou em tom amistoso, «ainda vais à escola?»

«Não, senhor», respondeu ela. «Já terminei a escola há mais de um ano.»

«Ah, então», disse Gabriel alegremente, «quer dizer que qualquer dia vamos ao teu casamento com o teu namorado, hein?»

A rapariga deitou-lhe um olhar por cima do ombro e disse com grande amargura:

«Os homens que há hoje em dia é só palavreado e aproveitarem-se de nós o mais que podem.»

Gabriel corou, como se sentisse que cometera um erro; sem olhar para ela, desembaraçou-se das galo-chas e esfregou energicamente os sapatos de verniz com o cachecol.

Era um homem novo, alto e corpulento. A cor viva das faces subia-lhe até à fronte, onde se dissipava em manchas informes de um vermelho-pálido; e no rosto glabro cintilavam sem descanso as lentes polidas e os aros dourados dos óculos que lhe escudavam os olhos delicados e inquietos. Os cabelos negros e brilhantes estavam divididos por uma risca ao meio e a escova imprimira-lhes uma longa curva que morria atrás das orelhas, onde encaracolavam ligeiramente, abaixo da marca deixada pelo chapéu.

Depois de ter dado lustro aos sapatos, endireitou-se e esticou o colete para baixo, ajustando-o ao corpo cheio. Em seguida tirou uma moeda do bolso num movimento rápido.

«Bem, Lily», disse, metendo-lha nas mãos, «é Natal, não é? Toma, é só uma pequena...»

Dirigiu-se à pressa para a porta.